Globethics Repository



Não se pode pensar mais as mídias separadamente [You can not think of the media separately]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Castro, Cosette
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-15 12:46:26
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162526

"Não se pode pensar mais as mídias separadamente"

Entrevista com Cosette Castro

***IHU On-Line* - Qual a relação entre mídias digitais, convergência tecnológica e inclusão social?**

Cosette Castro - Há uma relação direta entre elas, embora poucas pessoas percebam isso. As mídias digitais transformam nossa maneira de receber e enviar informações, assim como estão transformando as possibilidades de relacionar-se com o mundo. As informações podem ser *on-line* e interativas e as audiências podem sair do campo da recepção, até então destinado a elas como seu único espaço comunicativo para produzir conteúdos também. Existe a possibilidade de que ao jornalista caiba o papel de mediador social, deixando progressivamente de ser o único produtor de conteúdos.

Já a convergência tecnológica permite que utilizemos várias mídias ao mesmo tempo. Por exemplo, o celular atualmente é quase uma extensão do nosso braço. Hoje usamos o celular como agenda, secretária eletrônica, despertador, para receber e mandar textos ou imagens, ouvir música e ver TV ou entrar na Internet. Além disso, mas não em primeiro lugar, também recebemos e fazemos chamadas. Através da Internet temos *TVswebs* e *rádio webs*. Não se pode pensar mais as mídias separadamente nem mesmo refletir sobre gêneros para rádio e TV, por exemplo, como fazíamos antigamente, porque os gêneros já não são mais puros; são cada vez mais híbridos e se misturam diariamente. Isso também exige novas habilidades profissionais e universidades preparadas para essa nova realidade.

Inclusão digital

Quanto à inclusão digital, talvez seja o aspecto mais importante desse trio, pois não adianta termos mídias digitais e convergência tecnológica, se elas não chegam à maior parte da população, ou, se chegam, não são compreendidas. Se as pessoas ainda não sabem usar um caixa eletrônico, porque são analfabetas digitais, temos de ajudá-las a passar a outro estágio de aproximação com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Toda essa tecnologia e convergência só tem sentido se for para melhorar a qualidade de vida das pessoas, e não apenas de meia dúzia de privilegiados.

Uma possibilidade é de que elas possam aprender a usar a TV digital e o rádio digital para produzir conteúdos de sua comunidade, de seu grupo social, mostrando sua realidade. Trata-se de um outro espaço de comunicação em que as pessoas poderão se ver e mostrar sua realidade para os amigos ou para o mundo, através, por exemplo, da Internet. Até os anos 1970, a comunicação comunitária já fazia isso sem a possibilidade de usar as TICs, como ferramenta de inclusão. Obviamente isso vai exigir cursos de formação em que, para além da técnica, seja aberto espaço para fomento da cidadania e da identidade dos diferentes grupos culturais brasileiros, estabelecendo espaços de troca e informação.

***IHU On-Line* - O livro se propõe a fazer uma reflexão atualizada sobre as transformações das tecnologias de informação e comunicação a partir de uma perspectiva social. De que forma isso acontece?**

Cosette Castro – Preocupamo-nos em dar a ele um caráter transdisciplinar ao convidar especialistas e pesquisadores de diferentes regiões do País e de campos de estudos diversificados.

Então, temos o olhar da comunicação, da economia, da engenharia, da antropologia, da física, da pedagogia, da educação ou da biblioteconomia, todos voltados para os três vértices que sustentam a obra: as mídias digitais, a convergência tecnológica e as possibilidades de inclusão social. Não nos interessa a técnica pela técnica, ou as TIC's sob uma perspectiva integrada (no sentido utilizado por Umberto Eco[43]), principalmente porque temos consciência de que a técnica não é neutra (assim como a linguagem e o discurso também não o são). Eles estão a serviço de um ponto de vista, de uma maneira de ver o mundo que nem sempre é includente ou possui uma perspectiva social.

***IHU On-Line* - Qual a importância desta obra para quem quer entender o que acontece no mundo da comunicação hoje?**

Cosette Castro - As mudanças no campo digital estão se processando rapidamente. Há 15 anos não tínhamos computadores em casa e hoje eles são usados sem fio (*wireless*), cada vez menores (veja os palms) e fazem parte da classe média e alta. As novas gerações de classe média e alta são digitais enquanto nós, professores e pesquisadores, ou profissionais acima dos 30 anos, constituímos gerações analógicas, ou seja, temos que reaprender a pensar o uso das tecnologias digitais e também nossa forma de ser e estar no mundo. No caso dos professores, independente do campo de estudo, a situação é mais grave, porque muitos deles ainda lutam para se adaptar às TICs e não as compreendem muito bem, assim como muitos não compreendem as formas de pensar dos jovens universitários, que, em geral, possuem atenção múltipla. Diferente de quando crianças onde tínhamos de dar atenção a uma coisa de cada vez (quem nunca ouviu um: "menino presta atenção no estudo; não pode ver TV ao mesmo tempo").

Hoje a garotada está na Internet, ouve o CD predileto, faz o trabalho para o colégio ou universidade, pesquisa no Google[44], entra ao mesmo tempo no MSN[45] e participa de um fórum de discussões - tudo ao mesmo tempo. Além disso, estão no *orkut*[46] e tem

---

[43] **Umberto Eco (1932)**: autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, lingüística e filosofia, dentre os quais destacam-se ***Apocalípticos e Integrados, A estrutura ausente*** e ***Kant e o ornitorrinco***. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo ***O nome da rosa,*** adaptado para o cinema. ***A ilha do dia anterior; Baudolino*** e ***A misteriosa chama da Rainha Loana*** são outras de suas obras. (Nota da ***IHU On-Line***)

[44] **Google:** nome da empresa que criou e mantém um dos maiores sites de busca da Internet, o *Google Search*. O serviço foi criado quando os então os estudantes Larry Page e Sergey Brin, que cursavam o doutorado na Universidade de Stanford, em 1996. Este projeto, chamado de *Backrub*, surgiu devido à frustração dos seus criadores com os sites de busca da época e teve por finalidade construir um site de busca mais avançado, rápido e com maior qualidade de links. Brin e Page conseguiram seu objetivo e, além disso, apresentaram um sistema com grande relevância às respostas e um ambiente extremamente simples. No Brasil, o *Google* é acessado pela página www.google.com.br. (Nota da ***IHU On-Line***)

[45] **MSN Messenger (MSN):** programa da mensagens instantâneas criado pela Microsof Corporation. O programa permite que um usuário da Internet converse com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. O pioneiro nesse tipo de aplicação foi o ICQ, que, em 1997, revolucionou o conceito de bate-papo *on-line*. Porém, nos últimos anos o MSN tem conquistado cada vez mais adeptos, por ser integrado ao serviço de e-mail *Hotmail* e por ter uma intensa publicidade junto ao público jovem. Tem como concorrente o *Yahoo! Messenger*, outro serviço igualmente integrado a e-mail. Devido ao fato do MSN Messenger já vir instalado com o sistema Windows, este ganhou popularidade e conseguiu fazer com que os antigos usuários do ICQ migrassem com o tempo. (Nota da ***IHU On-Line***)

[46] **Orkut:** rede social filiada ao Google, em 22 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkokten, engenheiro turco do Google. (Nota da ***IHU On-Line***)

blogs[47] ou *fotoblogs*[48]. Há uma outra lógica de obter informações e de pensar o mundo que temos que nos readaptar e compreender, até para poder passar a eles (de forma interessante) os conhecimentos acumulados ao longo dos anos.

As novas linguagens, as mudanças nas relações de trabalho, o fim de funções de rádio, TV ou jornal ou o trabalho múltiplo são temas que interessam diretamente aos estudos da comunicação e aos novos profissionais, pois a academia não pode andar de costas para a realidade social. Também é preciso estabelecer a relação de todas essas questões com a globalização da economia e a mundialização da cultura e nosso papel - enquanto cidadãos, alunos, profissionais, pesquisadores e professores - no fomento ao desenvolvimento de uma indústria de produção de conteúdos para mídias digitais. Esse incentivo vai fazer diferença nos próximos anos em relação à América Latina e demais continentes.

***IHU On-Line* - Como funciona esse processo de mudança de mídias analógicas para mídias digitais na cabeça das pessoas? Há quem tenha sentido ou sinta mais essa mudança de paradigma?**

Cosette Castro - Quando pensamos em usar o celular para tantas funções e também para ver TV ou ouvir música? Quando pensamos em usar a TV analógica que temos em casa para acessar e-mail ou marcar consulta médica? Isso será possível em pouco tempo com a TV digital. Quando pensamos que os leitores iriam modificar um texto ou uma manchete antes de o jornal ser editado? Isso já acontece há dois anos em jornais locais e regionais *on-line* nos EUA. Quando imaginamos que o jornalismo *open source*[49] seria possível? Ele é uma realidade nos EUA, no Japão e na Coréia. Creio que as pessoas sentem a mudança, mas ainda não têm muito clara a dimensão que possui. Chamamos em textos anteriores essa mudança de "Nova Ordem TEcnológica", embora a tecnologia seja apenas um aspecto de tais transformações.

Essas mudanças são da ordem da economia, da política, do social e do comportamento, para além do tecnológico. Fazem parte do nosso dia-a-dia e estão sendo "naturalizadas" entre nós, seja em termos de equipamentos, seja em novos serviços,

---

[47] **Blog ou Weblog:** Registro publicado na Internet relativo a algum assunto organizado cronologicamente (como um histórico ou diário). O weblog conta com algumas ferramentas para classificar informações técnicas a seu respeito, todas elas são disponibilizadas na Internet por servidores exclusivos e/ou usuários comuns. As ferramentas abrangem: registro de informações relativas a um site ou domínio da Internet quanto ao número de acessos, páginas visitadas, tempo gasto, de qual site ou página o visitante veio, para onde vai do site ou página atual e uma série de outras informações. Causou sensação o *blog* de um indivíduo de Bagdá narrando, em inglês, o cotidiano de sua cidade debaixo da guerra. Assinava-se Salam Pax (paz, em árabe e latim), e, devido à alta qualidade de seu texto, muitos duvidaram de sua autenticidade. O jornal britânico *The Guardian* começou a publicar com o maior sucesso os *blogs* de Salam Pax. Passada a invasão e chegada da ocupação, Salam Pax se revelou parcialmente em entrevista onde não deu o nome verdadeiro ou se deixou fotografar. O *blog* foi traduzido para o português pelo escritor gaúcho Daniel Galera. A edição 145 da ***IHU On-Line,*** de 13 de junho de 2005, trouxe como tema de capa *Weblogs. Narrativas do eu e novas experiências de informação.* (Nota da ***IHU On-Line***)

[48] **Flog** (fotolog ou fotoblog): Registo publicado na Internet com fotos colocadas em ordem cronológica, ou apenas inseridas pelo autor sem ordem, de forma parecida com um *blog*. A palavra é uma abreviação de *fotolog*, que por sua vez surge da justaposição de "foto" e "log" (do inglês, *diário*). Num *flog*, o principal objetivo é compartilhar imagens de maneira interativa, já que as pessoas que visitam o site geralmente podem fazer comentários, sugestões ou críticas.

[49] **Jornalismo Open Source:** O termo é uma tentativa de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo. E dá o nome de jornalismo a uma prática aberta a qualquer pessoa. Ainda questionado, o termo une a análise diária referente ao "jornalismo" com a abertura do código-fonte de softwares – *open source*. (Nota da ***IHU On-Line***)

seja em funções, seja em cursos ou linguagem. Por exemplo, muita gente fala em fazer *download* ou um *upload* como se fosse algo normal, do nosso dicionário... E não é! Além disso, temos de estudar as novas formas de falar e se comunicar pela Internet, seja de comportamento, seja de linguagem. Basta ver os filmes passados no *Telecine* em linguagem para Internet. É outro português. Isso significa que a língua vai empobrecer? Fica aqui a sugestão para um estudo sobre o tema.

***IHU On-Line* - As mídias digitais são um fator de inclusão social? O que deve ser analisado?**

Cosette Castro - Elas podem ser um fator de inclusão social, desde que pensadas estrategicamente para isso. Caso contrário, serão um fator de exclusão. Os telecentros[50] são um espaço de cursos e formação para apropriação das mídias digitais, assim como as escolas e universidades. Quando falamos apropriação, significa ir além do saber usar a máquina, mas saber aproveitá-la, divertir-se, produzir conhecimento com ela. Saber pesquisar e tornar-se visível, sem se perder no mar de informações que existem na Internet, por exemplo. Significa explorar as possibilidades de falar e mostrar o mundo de cada comunidade ou de diferentes grupos sociais na rede e em rede, construindo seu próprio discurso.

***IHU On-Line* - Qual é sua opinião sobre a escolha feita pelo Presidente Lula pelo padrão de TV digital japonês?**

Cosette Castro - Em primeiro lugar - e apesar do que a mídia vem divulgando - o Presidente Lula ainda não definiu o padrão a ser adotado, o que imagino, será divulgado até o final de março. O padrão norte-americano já foi descartado e estão na luta o consórcio europeu e o japonês. O ministro Helio Costa defende publicamente o padrão japonês e tenta influenciar os demais ministros e o Presidente, mas, neste dia 15 de março, os europeus apresentaram uma proposta interessante ao governo (ver matérias nos jornais). Eles estão apontando - para além do que já foi ofertado - a construção de uma fábrica de semicondutores, que é uma das condições para o Brasil formar pesquisadores e não ficar na dependência tecnológica de outros países. Se isso se confirmar, vai ser uma escolha acirrada entre os dois padrões, o que só poderá trazer vantagens para o Brasil. Creio que quanto mais negociarmos, mais disputa vai haver e mais vantagens nosso país vai obter, principalmente porque esperamos que o padrão a ser escolhido se comprometa também em utilizar as tecnologias desenvolvidas no País e não apenas a ser um exportador de tecnologia. Afinal, depois de muitos anos finalmente a universidade brasileira voltou a ser valorizada, e cerca de 1500 pesquisadores brasileiros desenvolvem projetos para a TV digital

[50] **Telecentros:** o termo tem sido utilizado genericamente para denominar as instalações que prestam serviços de comunicações eletrônicas para camadas menos favorecidas, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos ou mesmo em áreas mais distantes. Essa experiência tem sido utilizada em iniciativas que vão desde a prestação de serviços de telefonia e fax em escritórios espalhados no Senegal até centros associados a projetos de telecomutação e teletrabalho na Europa e na Austrália. Outros termos usados como sinônimos ou como designações em outros idiomas têm sido: *telecottage*, centro comunitário de tecnologia, *teletienda*, oficina comunitária de comunicação, centro de aprendizagem em rede, telecentro comunitário de uso múltiplo, clube digital, cabine pública, infocentro, *espace numérisé*, *Telestuben*, centros de acesso comunitário etc. No Brasil, se adota o termo "telecentro" como denominação genérica para abarcar toda essa gama de experiências. Do ponto de vista do público atingido diretamente por iniciativas como as dos telecentros, parece ser inegável que eles têm tido um papel de destaque no processo de universalização do acesso à Internet. E, mais ainda, se forem analisados os perfis dos diferentes públicos que deles se utilizam, não parece haver dúvida de que suas experiências têm agregado segmentos sociais que, dificilmente, teriam acesso à rede sem telecentros. (Nota da ***IHU On-Line***)

nos últimos dois anos (inclusive a Fundação Pe. Urbano Thiesen/Unisinos) mediante consórcios regionais.